

O Mar e o Invest Mining



As estimativas recentes do Banco Mundial mostram que as demandas para produção de determinados minerais metálicos necessários para a transição energética para uma energia de baixo carbono, tais como cobre, cromo, níquel, cobalto, alumínio, manganês, lítio, titânio, ferro, vanádio etc., devem crescer, até 2050, em taxas algumas vezes superiores a 450%, em decorrência do compromisso assumido pelas principais economias do mundo de zerar a emissão de CO² até aquele ano.

No caso do Brasil, a mineração é reconhecida internacionalmente, com participação efetiva na produção de diversos bens minerais, que representam cerca de 2,5% do PIB. Com a ampliação da área marítima sob jurisdição nacional, conquistada pelo Estado Brasileiro em função dos últimos requerimentos apresentados, entre 2015 e 2018, à Comissão de Limites da Plataforma Continental da Organização das Nações Unidas, o potencial mineral do País aumentou significativamente.

As pesquisas desenvolvidas pelo Serviço Geológico do Brasil (SGB/CPRM), em cumprimento às diretrizes, planos e programas do Ministério de Minas e Energia e da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar, permitiram ao País fazer parte de um seleto grupo de países (Rússia, EUA, Inglaterra, Alemanha e Japão) que desenvolvem pesquisas no oceano, visando conhecer as suas

potencialidades minerais e biotecnológicas.

Mais especificamente, pesquisas já realizadas em ambientes semelhantes aos da Elevação do Rio Grande, a aproximadamente 1.500 quilômetros do litoral do Rio de Janeiro, evidenciam teores de alguns elementos (ex.: cobalto) muito superiores àqueles encontrados em ambientes terrestres, onde a produção é restrita. De fato, o potencial mineral do Brasil no mar é riquíssimo, com ocorrência comprovada de diversos bens minerais, tais como: elementos de terras raras, cobalto, titânio, cério, níquel, platina, manganês, fósforo, tálio, telúrio, zircônio, tungstênio, bismuto e molibdênio, entre outros.

Assim, o potencial mineral nacional, associado à crescente demanda internacional, sinaliza uma importante oportunidade para o Brasil, que precisa se inserir, cada vez mais, nesse mercado de produção de minerais ligados às altas tecnologias, tanto em terra quanto em mar. Porém, para dar a adequada segurança aos investidores, o País necessitará adequar sua infraestrutura, seus processos de outorga e de licenciamento ambiental e de financiamento para esta indústria.

Nesse sentido, para enfrentar esses desafios, não somente em terra, mas também no mar, foi lançada, em 7 de outubro de 2021, a **Invest Mining**, Rede Colaborativa para Financiamento da Mineração no Brasil, formada por representantes de instituições públicas e entidades

representativas e agentes financeiros, que visa promover condições que favoreçam o financiamento da mineração no Brasil, desenvolvendo uma cultura de investimentos em pesquisa mineral e mineração.

A atuação inicial da Rede está definida em quatro frentes de trabalho: **Hub de Projetos**, na qual os mineradores poderão apresentar seus projetos para a busca de fontes de financiamento; **ESG na Mineração**, onde poderão ser apresentadas as melhores práticas adotadas nas áreas social, de meio ambiente e de governança; **Mecanismos de Financiamento**, na qual mineradores, reguladores e agentes financeiros poderão disponibilizar os mecanismos atuais de financiamento e propor alternativas; e a frente de **Aprimoramento Normativo**, na qual serão discutidas alterações normativas necessárias para viabilizar tais mecanismos de financiamento.

Maiores informações poderão ser obtidas na plataforma do **Invest Mining**, no link: <https://www.investmining.com.br/index.html>

Por: José Luiz Ubaldino de Lima, Coordenador-Geral de Geologia e Recursos Minerais do MME; e Frederico Pedran Oliveira, Diretor de Geologia e Produção Mineral do MME.



Você Sabia?

- Os oceanos produzem mais da metade do oxigênio que respiramos: verdadeiros pulmões do mundo.
- Os recifes de corais são ecossistemas que ocupam menos que 0,1 % do leito oceânico, mas abrigam 1/4 de toda a biodiversidade marinha.
- Uma em cada três pessoas depende de frutos do mar como fonte de proteína. Isso significa três bilhões de seres humanos!
- A acidez dos oceanos aumentou 26 %, desde o início da Revolução Industrial, por causa do crescimento desproporcional de gás carbônico (CO²) na atmosfera. Parte desse CO² é absorvida pelos oceanos, que retiveram mais de um quarto de todo o CO² liberado, nos últimos 200 anos.
- Quanto mais CO² na água, maior a concentração de íons de hidrogênio, o que a torna mais ácida. Esses íons de hidrogênio livres “capturam” o carbonato de cálcio, indispensável para o desenvolvimento dos organismos marinhos, como plânctons, algas, mariscos, moluscos e corais.
- Os plânctons além de produzirem grande parte do oxigênio que respiramos, são a base da cadeia alimentar oceânica. Sem o carbonato de cálcio, não se desenvolvem, prejudicando o crescimento dos animais marinhos, a atividade pesqueira e quem depende de frutos do mar como alimento.